

São Paulo

2003

© 2003 – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte/Universidade de São Paulo

Rua da Reitoria, 109 A

05508-900 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3091-3327

FAX: (11) 3812-0218

e-mail [pgeha@usp.br](mailto:pgeha@usp.br)

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

ISBN 85-7229-014-1



Ficha Catalográfica

---

Metáforas urbanas / Elza Ajzenberg, coord. São Paulo:  
Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética  
e História da Arte, 2003. (Pesquisa e documentos, 1)  
268 p. il.

ISBN 85-7229-014-1

Trabalhos apresentados no I. Congresso em Estética  
e História da Arte, 19-21 nov. 2003.

1. Estética 2. História da Arte I. Título

CDD 21. ed. – 701.17

---

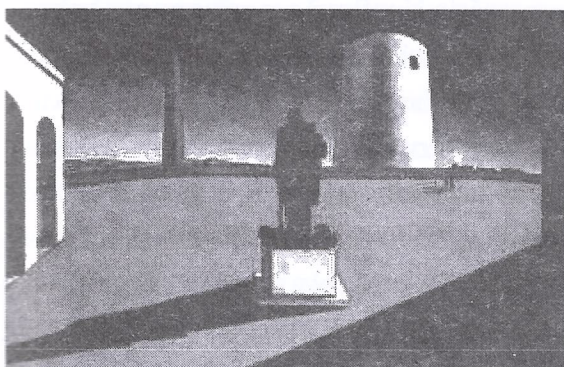
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Lourival Gomes Machado do MAC-USP.

A presente documentação acompanha o I Congresso em Estética e História da Arte – *Metáforas Urbanas* e o XIV Seminário Schenberg – Arte e Ciência, inserido na preparação do Curso de Especialização Estudos de Museus de Arte – a ser implantado pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

## Citações Urbanas em O Enigma de Um Dia

PAULO ROBERTO AMARAL BARBOSA

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE



*“As cidades, estes organismos de pedra, de carne, de água e de papel, estes trocadores complexos tecidos por mil artifícios, foram verdadeiros aceleradores intelectuais, memórias vivas e compósitas”.*

PIERRE LÉVY

*“Na construção das cidades, na forma arquitetural das casas, das praças, dos jardins e passeios públicos, dos portos, das estações ferroviárias, encontram-se os alicerces de uma grande estética metafísica”.*

GIORGIO DE CHIRICO

Raras vezes, uma poética visual expressou de modo tão inquietante as questões que envolvem a cidade como, a de Giorgio De Chirico (1888 –1978). Em suas telas – principalmente, as da primeira fase – surgiram marcas dos “complexos de pedras” associadas às reminiscências de um mundo onírico. As “memórias vivas” do artista foram responsáveis pela produção de um repertório instigante que leva o espectador à contemplação e a um universo de citações urbanas.

As referências presentes na produção artística de De Chirico vieram da literatura, filosofia e pintura clássica: De Júlio Verne em *A Volta ao Mundo em 180 Dias*, veio a liberdade do sonho; Nietzsche e Schopenhauer foram os suportes filosóficos e, Lorrain, Poussin, Arnold Böcklin, Max Stuck e Alfred Kubin forneceram o embasamento para a ação pictórica. O artista utilizou essas referências como instrumento para o trabalho, não somente como transição ou ilustração. Longe disso, as referências serviram a De Chirico como mediações para a realidade.

De Chirico buscou incessantemente o real imerso na realidade – o que está além das aparências. Para ele, a experiência diária com a realidade aliena os sentidos. Era necessária a reflexão permanente sobre morte/vida e a captura da aparência metafísica – algo que está além da compreensão original das coisas – um conhecimento mais profundo do que o real, somente revelado em momentos efêmeros, nos quais a liberdade do sonho atravessa o estado de vigília e dá sentido ao mundo. Assim, a pintura metafísica contém o *insight* da realidade, a redescoberta de um tempo passado, das horas perdidas, da presença latente nos grandes espaços e na intimidade das alcovas vazias.<sup>1</sup>

As representações dos espaços arquitetônicos, criadas por De Chirico, carregam a aparência misteriosa que está escondida atrás dos objetos heterogêneos. O espectador tem a sensação incômoda de partilhar a experiência do mundo vivo com a dimensão dos objetos inanimados. Também há a sensação do inusitado: “algo vai surgir ou alguma coisa vai acontecer...”

Nesse sentido, o pintor ressaltou, por diversas vezes: “a obra de arte metafísica é, no aspecto, serena; deixa, porém, a impressão que algo de novo esteja prestes a acontecer naquela mesma serenidade e que outros sinais, além daqueles explícitos, devam entrar no quadrado da tela”.<sup>2</sup>

1. GUERREIRO, Walter de Queiroz. *Metafísica além da vigília*. Especial para o Anexo. Acesse em [www.anexo.com.br](http://www.anexo.com.br)

2. DE CHIRICO, 1919 em *Auto-Retrato Falado*. <http://www.estado.com.br>.

E como De Chirico conseguiu esses efeitos em suas composições? Através de citações e metáforas abstraídas do mundo urbano. Entre essas citações, encontram-se: praças desertas, arcadas irreais; pesadas torres; dominantes chaminés industriais e, a presença da máquina, representada pelas ferrovias. A atmosfera é acrescida de sombras projetadas e manequins nus, ou vestidos em estilo clássico, desprovidos de fisionomia e de expressão enigmática, simbolizando a estranheza do elemento humano à cidade.

A herança greco-romana funde-se com o contexto urbano-industrial e nessa composição o humano é destituído de significado, ou levado a ser figura secundária, perante a arquitetura. Os únicos seres antropomórficos existentes, nesse mundo inconsciente, são manequins e estátuas – elementos também privados de humanidade, pois são desfigurados. Todo o conjunto assume uma impressão cenográfica e de dramaticidade teatral, onde a sobreposição dos elementos enigmáticos, aliados à iluminação, provoca inquietações.

O *Enigma de Um Dia*, tela adquirida por Tarsila e Oswald de Andrade, na década de 1920 e pertencente ao Acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, traz consigo um duelo entre o presente e o passado, indicando pontuações pós-modernas: a dramatização da realidade social e urbana; o reconhecimento da categoria histórica; o uso de ironia e, emprego de gêneros com raízes fincadas na consciência social e em questões morais.

Na obra, existe um vínculo entre o passado e as intervenções do mundo moderno, reunindo a geometrização do espaço, através do emprego da perspectiva; a iluminação advinda do pôr do sol, propiciando materialidade às sombras e, os elementos formais como a estátua sobre o pedestal; o trem que passa distante; e duas figuras que são visíveis somente pela projeção da sombra de suas silhuetas. Toda a composição é simbólica e convida ao espectador à contemplação e à descoberta do enigma.

Surge, nesse momento, a referência ao clássico, a *piazza italiana*, onde predominam as idéias de grandeza, monumentalidade, beleza e

harmonia das proporções. No entanto, quando de De Chirico e dos seus elementos pós-modernos, especialmente na representação da arquitetura, o ideal de proporção almejada pelos artistas da Antiguidade dá lugar a uma beleza dissonante, embora pareça paradoxal, há uma valorização de uma "harmonia desarmônica", na qual as razões são violadas e fragmentadas; já a monumentalidade e solenidade perduram.

Artistas como De Chirico não utilizam um classicismo canônico que aponta para uma época na qual o conhecimento, a fé e a prática eram unificados, eles dão às suas obras feição eclética, onde na atualidade, a ciência, a filosofia e as diferentes fontes caminham separadamente. Os motivos clássicos são misturados com os elementos dos dias pós-industriais e filtrados com sensibilidade receptiva para as realidades da contemporaneidade.

MAC-ISP

Analisar detalhadamente a obra de De Chirico demandaria a pesquisa de cada fase do artista, de cada pressupostos teóricos adotado, de cada citação e metáfora empregada. Não abandonando, a carga emocional de cada trabalho e as raízes psicológicas vindas das referências simbólicas e familiares. Portanto, as preocupações devem ser dirigidas a uma única peça, no caso *O Enigma de Um Dia*, e dela extrair os elementos que compõe a poética do artista, sua profunda ligação com o espaço arquitetural e seus aspectos precursores da pós-modernidade.